

O DESENHO COMO FORMA DE AUXILIAR NO ENSINO DE UMA CRIANÇA AUTISTA

Rayner Zanoti Pereira¹

1 – Graduado em Licenciatura em Educação Física – Multivix Cariacica

RESUMO

Em 1943, Leo Kanner identificou o espectro do autismo, envolvendo um artigo com 11 casos clínicos, os sintomas foram organizados em três grupos: a) Problema na comunicação e linguagem; b) necessidade de repetições e c) inabilidade social. O presente estudo tem como objetivo compreender como o desenho pode contribuir para a aprendizagem de alunos autistas expondo reflexões e apresentar ações relacionando os desenhos com os conteúdos de ensino da Educação Física. Metodologicamente foi utilizado um estudo de casos e um diário de campo, sendo dividido em duas etapas: período de observação e período de intervenção e ao final de cada intervenção era solicitado para que o aluno desenhasse o que ele tinha feito na aula. Conclui-se que o desenho pode ser um grande aliado para o processo de ensino - aprendizagem, porém a literatura carece de pesquisas relacionando o desenho e crianças autistas.

Palavras-chaves: Desenho; Autista; Aprendizagem.

ABSTRACT

In 1943, Leo Kanner identified the autism spectrum, involving an article with 11 clinical cases, the symptoms were organized into three groups: a) Communication and language problems; b) need for repetition and c) social disability. The present study aims to understand how drawing can contribute to the learning of autistic students by exposing reflections and presenting actions relating drawings to the contents of Physical Education teaching. Methodologically, a case study and a field diary were used, divided into two stages: observation period and intervention period and at the end of each intervention, the student was asked to draw what he had done in class. It is concluded that drawing can be a great ally for the teaching - learning process, however the literature lacks research relating drawing and autistic children.

Keywords: Drawing; Autism; Learning.

1 INTRODUÇÃO

O Autismo foi identificado pela primeira vez por Leo Kanner em 1943 com o artigo intitulado de “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, divulgado na revista *The Nervous Child* que está atualmente extinta.

O artigo envolve 11 casos clínicos de crianças que mostraram o mesmo tipo de comportamento, esses casos auxiliaram Kanner a instaurar a nova síndrome, sendo assim os sintomas foram organizados em três grupos, sendo eles: a) Problema na comunicação e linguagem; b) necessidade de repetições e c) inabilidade social.

Estas diferenças entre pessoas com desenvolvimento típico e autistas traz consequências para o modo como se relacionam, da forma de tratamento e de como são escolarizados (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2012, p. 9). De acordo com Luria (2003) citado por Bagarollo; Ribeiro e Panhoca, (2012) apontam que as crianças com deficiência mental, possuem características mais avançadas nos desenhos do que as crianças denominadas de “normais”, porém não conseguem compreender como um instrumento de registro e memória.

De acordo com Andrade (2005) o desenho é uma forma de comunicação que as crianças utilizam para expressar sentimentos, apresentando o que ela gosta ou viveu em algum momento. No mesmo pensamento Andrade et al. (2007) dizem que o desenho pode ser um meio de ensino-aprendizagem, estimulando a criatividade e a liberdade de pensar.

Andrade (2005) também nos mostra que

“...à criatividade está presente tanto na linguagem verbal, nas representações em desenhos, nas brincadeiras, onde frutos da imaginação, a representação de mundo vem à tona através da percepção, da sensibilidade, da imaginação e da afetividade.” (ANDRADE, 2005, p. 27).

Desta forma, insere – se a Educação Física como disciplina integrada a proposta pedagógica como área do conhecimento muito importante para a formação do aluno, de acordo com o Art. 26º, § 3º Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

A Educação Física utiliza-se de vários objetos de ensino como: as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças, as brincadeiras e os brinquedos populares, e também a capoeira (VAGO, 2009, p. 35). É necessário pensar a escola como um lugar que por meio da cultura se pode gerar conhecimento.

A Educação Física é a área do conhecimento que tematiza as práticas corporais culturalmente históricas, com isso o professor de Educação Física tem um desafio de organizar o ensino para que os alunos possam conhecer, criar, recriar e reinventar

essas práticas de acordo com sua cultura (VAGO, 2009, p. 35).

Conforme Dutra (2012, p. 1),

“As aulas de educação física constituem um dos mais importantes espaços, talvez até o mais importante, para o desenvolvimento de aspectos sociais, ética e moral dentro da escola. (DUTRA, 2012, p. 1).

Sendo assim, o processo de socialização transcorre na interação que a criança faz com outras pessoas e da criança com o meio em que vive.

Com isso, Chicon e Rodrigues (2013, p. 116) nos faz um questionamento:

“como incluir, num meio que sempre excluiu, classificou, separou, cobrou performances extraordinárias, deixando de lado os ‘incapazes’, pessoas que têm deficiência e que, historicamente, sempre foram excluídas da participação social?” (CHICON; RODRIGUES, 2013, p. 116)

Desta Forma a Educação Física Escolar nos últimos anos, busca um projeto pedagógico que consiga atender as necessidades dos alunos, buscando o seu desenvolvimento integral, ou seja, desenvolver os indivíduos em suas diferentes dimensões: físicas, intelectuais e sociais, observando suas limitações e potencialidades, e respeitando suas diferenças dentro de uma escola (CHICON; RODRIGUES, 2013, p. 116).

Porém em muitos casos, a Educação Física Escolar busca o desenvolvimento e treinamento de habilidades relacionadas ao esporte, objetivando à performance em competições, dessa forma acaba abandonando aspectos relacionados à participação, sociabilidade, cooperatividade, ludicidade e criatividade (RIZZO et al. 2016).

Sabendo disso, Chicon e Rodrigues (2013) dizem que os alunos com deficiência que estão em turmas comuns, acabam não participando das aulas, ficando de lado em um processo no qual tem as mesmas necessidades e direitos, gerando dessa forma o movimento de exclusão, marcado por uma falsa sensação de inclusão educacional.

A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física deve haver um novo olhar sobre esses sujeitos, proporcionando que os mesmos sejam protagonistas de suas ações, sendo respeitadas mesmo com suas limitações, potencialidades e suas vontades (NETO et al. 2018).

Em tempos passados as pessoas com algum tipo de deficiência eram excluídas, renegadas e escondidas da sociedade. Ao longo dos anos os estudos e pesquisas ficaram cada vez mais intensas a respeito de pessoas com deficiência, então tem-se uma preocupação de que as pessoas com deficiência possam ser vistas como seres humanos, independente das suas condições e a partir dessas reflexões que foi motivado o presente estudo.

O presente estudo tem como objetivo compreender como o desenho pode contribuir para a aprendizagem de alunos autistas expondo reflexões e apresentar ações relacionando os desenhos com os conteúdos de ensino da Educação Física.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente foi utilizado um *estudo de caso*. Gil (2008) destaca que esse método é um estudo aprofundado de um objeto, permitindo um conhecimento amplo e detalhado sobre ele, utilizando um ou mais instrumentos para produção de fontes.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram: desenhos produzidos pela criança autista e o diário de campo onde foram registradas reflexões sobre aquilo que vivenciamos no cotidiano das aulas de Educação Física.

A pesquisa foi realizada durante o período de estágio supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental II em uma escola no bairro Monte Belo no município de Vitória/ES com um aluno que possui a síndrome do autismo.

Inicialmente a metodologia utilizada foi a realização de um período de observação, o objetivo naquele momento foi ver como a criança se comportava durante as aulas de Educação Física e se interagia com as outras crianças durante as atividades.

No segundo momento foi realizado intervenções com o intuito da criança produzisse desenhos daquilo que tinha vivenciado na aula de Educação Física, proposto da seguinte forma: após realizar as atividades da aula, era solicitado que o aluno produzisse desenhos sobre o que ele tinha feito na aula de Educação Física.

3 PERÍODO DE OBESERVAÇÃO

A rotina da escola funcionava da seguinte forma: o sinal era tocado para a entradas dos alunos na escola, em seguida tem um horário de três aulas, logo após vinha o intervalo de vinte minutos e depois mais duas aulas até a saída, desta forma, notamos que o aluno não tinha dificuldades em questão desses horários, sempre metódico, sabia as aulas que teria no dia e se locomovia para a sala sem que precisasse que alguém que o encaminhasse.

Vimos que o aluno não interagia com outras crianças, só quando as outras crianças falavam com ele, porém ele não falava muito, só repetia a última palavra, notamos também que em algumas salas de aula tinha cadeiras que ficavam em duplas, por conta do espaço disposto da própria sala e o aluno sempre sentava sozinho.

Durante as aulas em sala, ele ficava apático, não copiava nada que o professor passava no quadro, apenas ficava desenhando no ar as vezes falava sozinho, durante o recreio notamos que o aluno ficava correndo em volta do pátio e as vezes ficava rodando e voltava a correr novamente.

Nas aulas de Educação Física vimos as mesmas reações do recreio, apenas corria em volta da quadra, as vezes ficava chutando a bola de futebol, mas quando uma criança vinha brincar junto, ele largava a bola e ignorava a outra criança completamente.

Nota - se também um interesse pelo futebol, pois nas aulas de Educação Física ele ficava repetindo várias vezes narrações de jogo de futebol, como: "olha o gol, olha o gol, gol, futebol na globo, aqui é emoção"; "Brasil" e também repetia nomes de alguns

lugares, como: "Governador Valadares", "Colatina", "Minas Gerais", "São Paulo" e "Espírito Santo".

Dessa forma, para as intervenções, Vatavuk (1996) menciona dois passos para o ensino de um aluno autista, o primeiro passo é que devemos saber o que o aluno consegue fazer, seus interesses e sua capacidade comunicativa. No segundo passo, as atividades realizadas devem ser divertidas, assim facilitando a aprendizagem.

4 PERÍODO DE INTERVENÇÃO

Toda criança carrega dentro de si potencialidades que deverão ser desenvolvidas, competências essas que devem ser favorecidas pela ajuda do professor (ANDRADE, 2005, p. 28), com isso nesta parte do estudo, será apresentado as intervenções realizadas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Durante o período de intervenção tentei me aproximar do aluno na tentativa de estimular um diálogo, perguntei qual a idade dele, ele olha na minha direção e responde "14" e vira o rosto para o outro lado.

Durante as aulas em sala de aula solicitei a ele que pegasse o caderno para fazemos as atividades do quadro, ele pegou o caderno e a caneta para copiar, notei que ele compreendia bem a comandos simples como: "pega o caderno", "vamos copiar".

Juntamente com a professora de Educação Especial, foram desenvolvidas algumas atividades adaptadas para ele, que eram coladas em seu caderno. Notamos que ele compreendia o que a atividade pedia, e rapidamente fazia conforme o enunciado (Figura 1).



Figura 1

Fonte: Elaborado pelo autor

E também demos uma caixa com várias letras para que ele pudesse montar palavras, nessa atividade ele produziu várias palavras com nomes de cidades onde ele já tinha visitado ou passado com a família (Figura 2).



Figura 2

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas aulas de Educação Física fiquei acompanhando-o nas atividades que o professor passava, foi observado que o aluno não fazia. Pode-se notar também que se o aluno estivesse com alguém o ajudando o aluno realizava as atividades propostas.

Durante uma outra aula de Educação Física peguei a bola para realizarmos algumas habilidades relacionadas ao futebol, nada muito complexo de tática ou formações de jogo. Nessas atividades executamos passes, chutes para o gol e condução de bola. O aluno se sentiu bastante envolvido na atividade pois já estava habituado com o esporte.

Após a atividade, em sala solicitei para que ele desenhasse o que ele tinha praticado na aula de Educação Física, assim como demonstrado na Figura 3.



Figura 3

Fonte: Elaborado pelo aluno

Em uma outra aula, realizamos umas atividades voltadas para a modalidade do Basquete (Figura 4), executamos condução de bola e o lance livre.

O aluno não ficou muito empolgado como no futebol, porém ele gostou de ficar arremessando a bola na cesta.

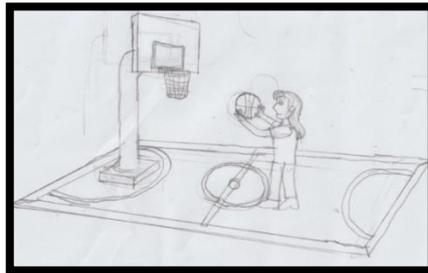


Figura 4

Fonte: Elaborado pelo aluno

Na figura 4 o aluno desenha uma menina arremessando a bola, onde podemos notar que o aluno pode compreender a atividade proposta para ele, mas ainda não interage jogando com outros, mas já não se incomoda tanto com a presença das outras crianças.

Na outra aula foi proposto a ele a modalidade do Vôlei (Figura 5), realizamos o toque e a manchete, o aluno pouco se interessou, fez um pouco da atividade e depois sentou na arquibancada.

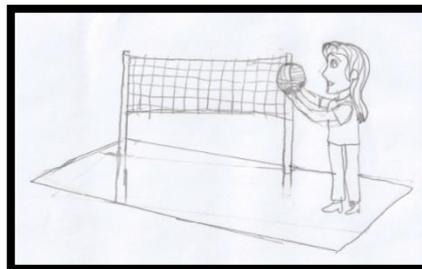


Figura 5

Fonte: Elaborado pelo aluno

Neste desenho da Figura 5 podemos notar que ele desenhou uma menina e a rede de vôlei, porém na atividade realizada, não utilizamos a rede e outras crianças também participaram dessa mesma atividade junto com ele, mas não foram representadas no desenho.

Na nossa outra atividade realizamos um jogo de Frescobol (Figura 6), onde o próprio aluno pegou as raquetes e a bolinha, uma outra aluna da sala dele veio jogar com ele, eles ficaram rebatendo a bolinha um para o outro.

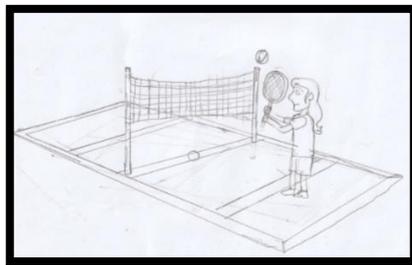


Figura 6

Fonte: Elaborado pelo aluno

No momento que o aluno estava produzindo o desenho, fiz um questionamento a ele sobre o que ele estava desenhando, o aluno me respondeu: “Tênis”.

Durante o desenho ele relacionou a raquete e a bolinha de frescobol a um jogo de tênis, nos mostrando conhecimento adquiridos em outros meios e também o relacionando com aquele vividos em aula.

O processo de aprendizagem de um aluno que possui o espectro autista é muito complexo por envolver variáveis incontrolláveis, como a metodologia utilizada, os objetivos, e ambiente onde o aluno está inserido (SARAIVA; SANTOS, 2016).

5 CONCLUSÃO E REFLEXÕES

Após um período de intervenções com as práticas esportivas, notou-se que o aluno começou a se socializar mais nas aulas de Educação Física, e nas outras aulas foi observado que o aluno avançou na apropriação de conhecimentos como a leitura, a

interpretação das imagens relacionadas aos esportes praticados e as reproduzi-las corporalmente.

Nas aulas de Educação Física o aluno está participando mais, focalizando em algumas habilidades específicas dos esportes praticados e é onde ele mais participa e interage com outras crianças, fazendo as atividades em conjunto.

Percebe – se que essa discussão é pouco abordada na literatura sobre a utilização do desenho feitos por crianças autistas, sendo que o desenho é uma forma de se expressar e de comunicar. Dessa forma este estudo também visa contribuir para que outras pesquisas possam se desenvolver a partir deste ponto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A. F; ARSIE, K. C; CIONEK, O. M; RUTES, V. P. B. **A Contribuição do Desenho de Observação no Processo de Ensino-Aprendizagem.** Graphica, Curitiba, Paraná - Brasil, 2007.
- ANDRADE, L. C. **O Desenho como Expressão no Aprendizado Infantil: Caminhos e Possibilidades.** Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, dissertação de Mestrado, 2005.
- BAGAROLLO, M. F; RIBEIRO, V. V; PANHOCA, I. **Características do Desenho de um Sujeito Autista.** Comunicações, Piracicaba, v. 19, n. 2, p. 7-22, jul.-dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v19n2p7-21>
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 de dezembro de 2020.
- CHICON, J. F; ROGRIGUES, G. M. **Educação Física e os Desafios da Inclusão.** Edufes, Vitória - ES, 2013.
- DUTRA, W. G. **Aspectos sociais na Educação Física Escola.** Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº 172, setembro de 2012. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd172/aspectos-sociais-na-educacao-fisica-escolar.htm>>.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo, Editora Atlas S.A, 6ª edição, 2008.
- KANNER, L. **Autistic Disturbances of affective contact.** The Nervous Child, New York, v. 2, p. 217-250, 1943. Disponível em: <<http://www.profala.com/artautismo11.htm>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.
- NETO, A. O. S; ÁVILA, E. G; SALES, T. R. R; AMORIM, S. S; NUNES, A. K; SANTOS, V. M. **Educação inclusiva: uma escola para todos.** Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, jan./mar. 2018, DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X24091>
- RIZZO; D. T. S; ARANHA, A. C. M; FREITAS, C. M. S. M; DAOLIO, J; LOPES, J. C. **Educação Física escolar e esporte: significações de alunos e atletas.** Pensar a Prática, v. 19, n. 2, 30 jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v19i2.40650>

SARAIVA, M. M; SANTOS, L. R. **O uso da linguagem lúdica através do ipad no ensino-aprendizagem de autistas**. Revista Philologus, v. 22, nº 65. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago, 2016.

VAGO, T. M. **Pensar a Educação Física na Escola: Para uma Formação Cultural e da Juventude**. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009.

VATAVUK, M. C. **Ensinando Educação Física e Indicando Exercícios em uma Situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo: Foco na Integração Social**. Congresso Autismo – Europa, Barcelona, 1996. Disponível em: <<http://www.profala.com/artautismo2.htm>>. Aceso em: 19 de novembro de 2019.